

Olhar francês

sobre o protestantismo no Brasil

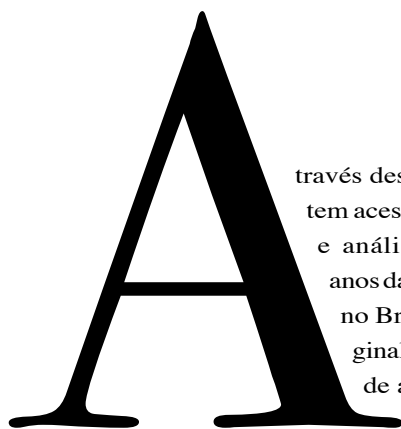
protestantismo

DARIO DE ARAUJO CARDOSO



*O Protestantismo Brasileiro*, de Émile G. Léonard, 3ª ed., São Paulo, Aste, 2002, 386 p.

**DARIO DE ARAUJO CARDOSO**  
é mestrando do  
Curso de Pós-  
graduação em  
Ciências da Religião  
da Universidade  
Presbiteriana  
Mackenzie.



através dessa obra o leitor brasileiro tem acesso a uma acurada pesquisa e análise acerca dos primeiros anos da história do protestantismo no Brasil. Esse material foi originalmente publicado em forma de artigo nos números 5 a 12 (1951-52) da *Revista de História* da Universidade de São Paulo. Seu autor, Émile G. Léonard, francês, formado na École des Chartes da Sorbonne, além de pesquisador da história do protestantismo, tem vínculo com o Brasil, pois foi professor do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP entre 1948 e 1950. Nesse curto período em nossa terra, como parte de seu projeto de historiar o protestantismo universal, dedicou-se a pesquisar o protestantismo brasileiro, fonte da qual brotou a presente obra. Dois professores de origem presbiteriana contribuíram com a publicação. A tradução do francês foi feita por Linneu de Camargo

Schützer, professor de Lógica da Faculdade de Filosofia da USP. O prefácio, escrito por Isaac Nicolau Salum, professor de Filologia e Linguística Românica da Faculdade de Letras da USP, descreve lucidamente a história do presente livro.

Trata-se de um clássico não apenas por conta de sua antiguidade, mas porque, diferentemente de outros historiadores do protestantismo brasileiro, conduzidos pela sua formação teológica e motivados a registrar uma história confessional, Léonard tem, de sua formação como historiador, dedicada atenção às fontes e um apreço pelo corpo de fiéis, demonstrando até mesmo simpatia para com os movimentos marginais desprezados ou combatidos pelos meios eclesiais oficiais. No decurso da obra, deixa frequentemente transparecer seu anseio pelo surgimento de um protestantismo brasileiro autônomo e sua decepção em ver frustradas ou sufocadas as várias tentativas de estabelecimento de um tipo *sui generis* de protestantismo. Por isso, o adjetivo “brasileiro” do título não deve ser compreendido apenas em seu aspecto gentílico, mas também como um genitivo que expressa um protestantismo que pertence ao Brasil.

Outra característica da obra é a tese de que a inserção do protestantismo no Brasil reproduzia o ambiente da Reforma na França, daí as várias comparações que faz entre situações nos dois períodos (e.g. pp. 32, 136).

Além da introdução e de uma seção em que as fontes bibliográficas são cuidadosamente catalogadas, o livro possui dez capítulos que tratam desde o período que antecedeu a chegada das missões estrangeiras até a situação do protestantismo nos anos 40 do século XX. O estilo é bastante agradável mesclando a descrição histórica com grande quantidade de relatos episódicos que despertam e prendem o interesse do leitor. Uma breve descrição de seu conteúdo servirá para ilustrar o seu valor.

Os capítulos iniciais (1 a 4) descrevem a condição espiritual e eclesial do Brasil antes e durante a chegada dos missionários protestantes. O autor destaca a insuficiência do clero, o enfraquecimento da vida espiritual, o anseio por uma espiritualidade que

facilitam o advento do protestantismo, tais como devoções individuais e familiares, liberalismo político e religioso com fortes influências jansenistas<sup>1</sup> e reformistas, tendo o regente Feijó como principal proponente do primeiro projeto de cristianismo nacional. Outro vento favorável a uma reforma do cristianismo brasileiro foi o grande sucesso e aceitação da distribuição de Bíblias através de colportores como o rev. Daniel Parish Kidder. Tais condições, aliadas à necessidade que o Brasil tinha de imigrantes no período do Império, favoreceram a vinda de protestantes ingleses e americanos, incluindo missionários que, julgando insuficiente a simples distribuição de Bíblia, passaram a buscar a evangelização das cidades brasileiras.

A evangelização dos brasileiros teve como seu primeiro grande expoente o ex-



padre rev. José Manoel da Conceição, que mesmo antes do contato com os missionários já demonstrava anseios reformistas tipicamente nacionais. Fato que, a despeito de sua grande contribuição na expansão do presbiterianismo em São Paulo, acabou por afastá-lo dos missionários presbiterianos. Outro episódio seminal de protestantismo autóctone teve como protagonista Miguel Vieira Ferreira, que se separou dos presbiterianos com uma proposta que valorizava experiências místicas como visões e respeitava os hábitos religiosos católicos.

Léonard mostra que, a despeito desses pequenos lampejos, a implantação do protestantismo no Brasil foi obra de um grande fluxo de missionários estrangeiros vindos principalmente dos Estados Unidos da América. Traziam a concepção americana do protestantismo, marcada sobejamente por uma proposta “civilizatória”, ou seja, a implantação da cultura americana na sociedade brasileira. Não obstante o intenso trabalho de propaganda dos missionários e seus ajudantes brasileiros, Léonard atribui o sucesso da implantação do protestantismo ao forte componente bíblico do catolicismo popular praticado no Brasil, daí os inúmeros relatos de “conversões individuais e mesmo de formação de comunidades protestantes através só da Bíblia, sem nenhuma intervenção de missionários” (p. 97), e que sobreviviam pelo cuidado de seus membros sem um pastor residente. Cresceu, assim, o corpo de protestantes no Brasil e o número de pastores brasileiros e, com exceção de alguns episódios de violência promovidos por padres contra os protestantes, na maior parte rapidamente debelados pelas autoridades ou líderes da comunidade, e de histórias e anedotas que visavam ridicularizar os adeptos da nova religião, a situação eclesiástica da Igreja Católica não permitiu maiores reações ao avanço do protestantismo em sua fase de inserção no Brasil e, em algumas situações, os missionários contaram até mesmo com o apoio e interesse dos padres locais.

Os capítulos intermediários (5 a 7) tratam das crises que levaram à emancipação do protestantismo brasileiro. Entre

<sup>1</sup> Movimento católico iniciado no séc. XVII na França que buscava, assim como fez João Calvino, reformar teológica e politicamente a Igreja Católica a partir das teses de Santo Agostinho.

os presbiterianos, situações de concorrência e de cooperação entre missionários e pastores nacionais levaram a um cisma que, em 1903, deu origem à Igreja Presbiteriana Independente. Léonard mostra que as disputas pela autonomia da igreja nacional se manifestaram na contestação da participação dos missionários nas assembleias denominacionais, na discussão da eficácia da manutenção de colégios como meios de evangelização através da cultura e na discussão da compatibilidade entre o cristianismo e a maçonaria, ponto de menor importância, que foi transformado em pomo de discórdia e falsamente apontado como razão do cisma. Com esse equívoco ficou sufocada a proposta do estabelecimento de um protestantismo nacional. Entre os batistas, a questão maçônica não alcançou importância e, tendo os nacionalistas como maioria, a autonomia veio com menos traumas através de um acordo com a junta missionária americana. No entanto, segundo Léonard, a proposta de autonomia nacionalista deu lugar a um projeto ultracongregacional<sup>2</sup>. Por fim, essa seção mostra que os brasileiros não tinham a mesma disposição nacionalista para com sua igreja-filha em Portugal, o que ilustraria a inconsistência de seus reclamos.

O último grupo de capítulos (8-10) trata da situação eclesial do Brasil a partir de 1930. Léonard mostra que, a despeito dos avanços, os problemas do catolicismo não mudaram desde o século anterior. O número de clérigos continuava insuficiente e eles tinham dificuldade de identificação com o povo brasileiro por serem estrangeiros ou por defenderem uma ortodoxia que entrava em conflito com o catolicismo popular. A reação só se dá entre os clérigos que adotaram conceitos protestantes no cuidado de suas paróquias, o que faz entrever o surgimento de um cristianismo tipicamente nacional.

Léonard também descreve a condição socioeconômica dos protestantes nesse período, tanto no campo como na cidade, e as dificuldades enfrentadas pelas igrejas com o êxodo das zonas rurais em direção aos centros urbanos. São descritos os

modos de viver dos pastores e das igrejas caracterizados por um abnegado ativismo. Antigos problemas como a relação com os missionários estrangeiros e o estabelecimento de um protestantismo nacional são revisitados e a dependência financeira é apontada como principal empecilho para o alcance desse ideal. Léonard também discorre sobre a dificuldade em conciliar a necessidade de organização administrativa e a flexibilidade para acomodar as diferenças locais e pessoais da igreja brasileira. Trata também das disputas travadas, em princípio, contra as divisões denominacionais, que levaram a um conflito entre comunidades rurais tradicionais e uma elite intelectual urbana e, por fim, a um novo cisma, agora na Igreja Presbiteriana Independente.

Ao lado disso que chama de “arte de envelhecer” das igrejas brasileiras, Léonard aponta os novos campos e possibilidades de um novo protestantismo entre o proletariado urbano. O protestantismo brasileiro cultivava uma característica fortemente evangelizadora que tem como centro a Escola Dominical. Considera-se aqui o surgimento, no Amazonas, da Assembléia de Deus, um modelo de protestantismo autóctone e dotado de uma bela história missionária que ilustra a presença do protestantismo nas regiões em expansão no Brasil. Léonard descreve por fim o progresso do movimento pentecostal com sua ênfase nas manifestações do Espírito Santo e o desafio proporcionado pelo afastamento da Congregação Cristã do Brasil dos princípios protestantes de estudo bíblico.

O valor da presente obra é incalculável e, a despeito de estarmos separados quase 60 anos de sua primeira publicação, o panorama que é fornecido produz no leitor uma visão mais clara da sociedade brasileira e do protestantismo que nela se instalou. Permanece relevante e, nesse campo, ainda não foi superada. Assim, a leitura de *O Protestantismo Brasileiro* serve de base e desperta o anseio de que pesquisas similares descrevam o desenvolvimento do protestantismo até nossos dias. E, ao recomendar sua leitura, espera-se colaborar para que isso seja feito.

2 “Congregacional” é a forma de governo eclesial em que cada comunidade local é independente das outras e toma suas decisões em assembleia de seus membros.